



CCB

22 NOV 25

**CONVERSA COM
SIMON BROOK
+ O MAHABHARATA
DE PETER BROOK**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório

+14

Duração aproximada: 180 min

19h00

Conversa com Simon Brook

Em inglês, moderada por Tiago Bartolomeu da Costa

17h00

Filme Mahabharata

19h00

19h00 A versão de 6h ficará disponível

dia 22 de Novembro na RTP PALCO

The Mahabharata

Realização **Peter Brook**

Argumento **Peter Brook, Jean-Claude Carrière** e **Marie-Hélène Estienne**

Elenco **Bruce Myers, Andrzej Seweryn, Robert Langdon Lloyd,**

Sotigui Kouyaté, Ryszard Cieslak, Corinne Jaber, Georges Corraface,

Yoshi Oida, Mallika Sarabhai, Miriam Goldschmidt, Hélène Patarot, Tuncel Kurtiz,

Vittorio Mezzogiorno, Erika Alexander, Jeffery Kissoon, Mamadou Dioume e **Urs Bihler**

Fotografia **William Lubtchansky**

Montagem **Nicolas Gaster**

Direção de Arte **Chloe Obolensky**

Som **Daniel Brisseau** e **Dominique Dalmasso**

Banda Sonora **Toshi Tsuchitori, Djamchid Chemirani, Kudsi Erguner,**

Kim Menzer e **Mahmoud Tabrizi-Zadeh**

Produção **Michel Propper**

Produção Executiva **Michael Birkett, Michael Kustow** e **Harvey Lichtenstein**

Coprodução **William Wilkinson, Edward Myerson, Rachel Rabori**

e **Christine Raspillère**

Direção de Produção **Christine Raspillère**

Produção **Brook Productions, Fado Filmes** e **CCB**

Coprodução **RTP 2**

Apoios **RTP Palco** e **Hotel Jerónimos 8**

BROOK
PRODUCTIONS

Fado Filmes

RTP 2 **RTP PALCO**

Hotel Jerónimos 8
HOTEL * * * * * LISBOA

Foto de capa: © *Mahabharata, The Battle*



Depois das seleções oficiais em grandes festivais, como a Biennale Di Venezia 2024 ou o Sydney Film Festival 2025, *O Mahabharata* tem esta exibição especial e exclusiva em Portugal, promovida pela FADO FILMES.

Num tributo ao legado de Peter Brook, um dos maiores mestres do teatro e do cinema do século XX, esta sessão especial reúne duas oportunidades imperdíveis: uma conversa com o realizador Simon Brook — seu filho e colaborador próximo — e a exibição de *Mahabharata*, a emblemática adaptação cinematográfica da epopeia indiana.

Peter Brook dedicou a sua carreira à procura de uma linguagem teatral universal, apostando na simplicidade e na verdade do gesto. Em *O Mahabharata*, essa visão atinge o seu auge, ao transformar o vasto poema ancestral numa obra poderosa e intemporal sobre guerra, dever, destino e humanidade.

Antes da projeção, Simon Brook partilhará histórias e perspetivas sobre o processo criativo do pai, a importância do legado artístico de Peter Brook, e o impacto desta obra monumental no contexto teatral e cinematográfico internacional.

Uma sessão que celebra o teatro, o cinema e o poder das narrativas universais.



SINOPSE

O Mahabharata decorre numa época antiga da Índia, outrora conhecida como Bharatavarsha.

Dois grupos de primos da mesma família real, os Pandavas e os Kauravas, disputam o controlo do reino. Embora descendam de dois irmãos que vivem em paz, Dhritarashtra e Pandu, a rivalidade entre os primos conduz à morte e à destruição, pondo em risco a própria estrutura do universo.

Após anos de tensão e conflito, a única resolução possível é uma batalha de proporções épicas, na qual guerreiros de força incomparável se enfrentam até à destruição mútua, num confronto pelo destino do reino.

Liderados pelo nobre Arjuna e guiados pelo divino Krishna, os Pandavas enfrentam os seus primos, mestres e amigos no campo de batalha. A guerra não é apenas um confronto entre exércitos, mas também uma luta moral e filosófica, que põe à prova, em cada um, os princípios da retidão e do dever.

No fim, os Pandavas saem vitoriosos, mas a vitória tem um preço elevado. A guerra deixa um rasto de destruição e de perda, levando-os — e a nós — a questionar a própria natureza da vitória e o verdadeiro custo do poder.

NOTA DE INTENÇÕES

O Mahabharata ocupa um lugar verdadeiramente único, tanto na filmografia do meu pai, Peter Brook, como na grande História do Cinema — e não poderia ser de outra forma ao abordá-lo. Um livro que está na base da mitologia, religião, história e pensamento indianos, um livro quinze vezes mais extenso do que a Bíblia!

Esta obra monumental explora os entrelaçamentos entre guerra, ética e poder. Mais do que um mero conto, é uma epopeia que transcende o tempo e o espaço, expondo os dilemas e as consequências devastadoras resultantes das escolhas humanas. Abrangendo várias gerações, a história narra a descida ao inferno de uma família, envolvida num conflito fratricida extremo que semeia morte e destruição em grande escala.

O Mahabharata ocupa também um lugar especial nas minhas memórias e no meu coração. Quando era adolescente, tive o privilégio de viajar com o meu pai e com Jean-Claude Carrière, seu coautor, nas primeiras viagens de pesquisa à Índia, onde eu exercia o papel de «fotógrafo oficial». Testemunhei o seu processo criativo enquanto trabalhavam na sua futura peça. Embora essas viagens tenham sido fascinantes para todos nós, uma pergunta recorrente manteve-se sem resposta durante muito tempo: «Como reduzir o livro mais longo do mundo a um tamanho adequado para o palco?»

A peça acabou resultou num acontecimento teatral de nove horas e o público teve a opção de assistir à obra na íntegra ou de regressar durante três noites consecutivas para assistir a uma apresentação de três horas.

O Mahabharata foi um sucesso extraordinário. Ficou em cartaz durante mais de dois anos, em três continentes e em catorze cidades, sempre com lotação esgotada. Foi um grande choque artístico que deixaria uma impressão duradoura em uma geração de espetadores de teatro.

Apesar de a duração do espetáculo ser invulgar, o elenco não lhe ficava atrás. Seguindo a abordagem multicultural do meu pai, os atores vieram de todo o mundo: África, Japão, Indonésia, França, Grécia, Camboja, Polónia... Ao todo, mais de dezasseis nacionalidades diferentes!

O meu pai alimentava o sonho de levar este épico para o ecrã e queria realizar um filme de seis horas. Tal ideia foi considerada uma loucura e financeiramente inviável, pelo que se decidiu filmar simultaneamente uma versão cinematográfica de três horas e uma versão televisiva de seis horas.

Apesar de, na época, a sua duração ser considerada incomum — pouco menos de três horas —, o filme foi recebido com entusiasmo a nível mundial e aclamado pela sua importância cultural e artística. *O Mahabharata* continua a ser uma obra emblemática do cinema contemporâneo, parte essencial do património cinematográfico internacional, transcendendo barreiras culturais, sociais e artísticas. A sua restauração e renascimento fazem parte da mensagem de esperança d' *O Mahabharata* e refletem os complexos desafios do nosso tempo.



O RESTAURO

Quando era adolescente, tive a sorte de acompanhar o meu pai na sua primeira viagem de pesquisa à Índia para *O Mahabharata* e de documentá-la fotograficamente. Mantive-me próximo da produção ao longo dos anos seguintes, nas suas várias encarnações e nos diversos continentes onde foi apresentada — a nossa vida familiar girava em torno dela.

Quando o meu pai decidiu fazer o filme, convidou-me para trabalhar com ele, mas optei por não o fazer: estava a iniciar a minha carreira como cineasta e queria afirmar-me através dos meus próprios projetos. Ainda assim, permaneci envolvido em todas as fases da produção.

Como tantas vezes acontece, o laboratório faliu, o produtor ficou ocupado com outros filmes e todas as cópias em 35 mm d'*O Mahabharata* desapareceram. Restava apenas uma antiga transferência televisiva.

Esta perda deixou o meu pai profundamente triste. Ele tinha muito orgulho neste filme e sentia que poderia ter uma importância real para o público contemporâneo. Por isso, decidi assumir a missão (quase) impossível de recuperar o controlo dos 3 451 rolos de negativos e som, para que pudesse ser restaurado ao seu esplendor original.

Sob a minha supervisão direta, o filme foi restaurado pela equipa fantástica e apaixonada da TransPerfect Media (França). O negativo original da câmara foi digitalizado em parceria com a Prasad Corporation (Alemanha), utilizando o scanner DFT Polar HQ, equipado com um sensor monocromático de campo de última geração de 9,3K, o que permitiu obter uma resolução nativa 8K em alta-definição, com profundidade de cor RGB de 16 bits.



O Mahabharata é um dos primeiros filmes de património rodados em 35 mm a ser restaurado através deste processo. Pareceu-nos particularmente adequado aplicar tecnologia de ponta a uma obra tão rica, vibrante e repleta de emoções subtis.

A adaptação cinematográfica d'*O Mahabharata* por Peter Brook estreou em 1989 no Festival de Cinema de Veneza, como parte da Seleção Oficial, e teve uma bem-sucedida distribuição internacional antes de desaparecer dos ecrãs.

O negativo original de imagem e som encontrava-se disperso por vários laboratórios, e foram precisos anos de batalhas épicas, processos judiciais, suor, lágrimas e perseverança para finalmente reunir os 3 451 rolos que o compunham.

A fita magnética de som 34/35 mm encontrava-se colada e gravemente danificada. Para a recuperar, os rolos foram aquecidos num forno especial durante várias horas a 51°C, o que permitiu a transferência digital para efeitos de restauro e preservação. O som estéreo original foi remasterizado em 5.1.

Trabalhando principalmente a partir do negativo original de câmara, a imagem foi digitalizada em 8K, com profundidade de cor de 16 bits. Todo o processo de restauro foi executado integralmente em 8K, recorrendo aos softwares Phoenix e Diamant, que tiveram de ser especialmente adaptados para este projeto, de modo a conseguir processar os 450 terabytes de dados envolvidos.

O restauro foi realizado pela TransPerfect Media France, sob a supervisão de Simon Brook.

Simon Brook



«É como **A Guerra dos Tronos!**»

O regresso da antiga epopeia indiana de fantasia e super-heróis

Ryan Gilbey

Nos anos 1980, a adaptação d’*O Mahabharata* por Peter Brook encantou o público no teatro e no cinema. Agora, com a apresentação de uma cópia restaurada no Festival de Cinema de Veneza, o filho de Brook e a sua equipa recordam a jornada extraordinária desta obra.

Quando Antonin Stahly tinha nove anos, a mãe levou-o ao Théâtre des Bouffes du Nord, em Paris, para assistir a uma encenação da antiga epopeia indiana d’*O Mahabharata*, que se traduz, de forma aproximada, por «a grande história da humanidade». Mais de vinte atores de dezasseis países atuavam num palco coberto de terra vermelha e rasgado por uma trincheira cheia de água; o fogo também desempenhava um papel central. A encenação era de Peter Brook — a quem Peter Hall, fundador da Royal Shakespeare Company, chamou «o maior inovador da sua geração» — e a adaptação era de Jean-Claude Carrière, antigo coargumentista de Luis Buñuel. Este monumental *O Mahabharata* tinha a duração de nove horas, com intervalos. Mesmo assim, representava uma condensação colossal do texto original, que conta com 1,8 milhões de palavras. A versão de Brook e Carrière foi comparada a resumir a Bíblia em quarenta minutos.

O público podia ver *O Mahabharata* em três partes, ao longo de noites consecutivas, ou como uma maratona de fim de semana que ocupava o dia inteiro. Em alguns espaços ao ar livre — como a pedreira de calcário em Avignon, onde o espetáculo estreou em 1985 —, a apresentação começava ao anoitecer e atingia o clímax quando o sol nascia no horizonte. Stahly assistiu a tudo de uma só vez, numa sessão que durou do meio-dia à meia-noite. «Era como uma fantasia de super-heróis», recorda ele, ainda maravilhado. «Tinha Bhima, o homem mais forte da Terra, e Bhishma, que tinha o poder de viver para sempre. Arjuna era o melhor guerreiro. E depois estavam todos os deuses. Foi incrível para mim, porque sou meio indiano, mas não cresci num contexto indiano.»

Durante um intervalo, Stahly conheceu Peter Brook e a sua colaboradora de longa data, Marie-Hélène Estienne. «Devia ser o mais novo na plateia. Perguntaram-me: Estás a gostar? Respondi: Claro que sim! Então, Peter disse: Podes vir vê-lo novamente sempre que quiseres. Passou a haver

uma almofada reservada para mim em todas as apresentações. Depois das aulas, apanhava o metro até ao teatro.»

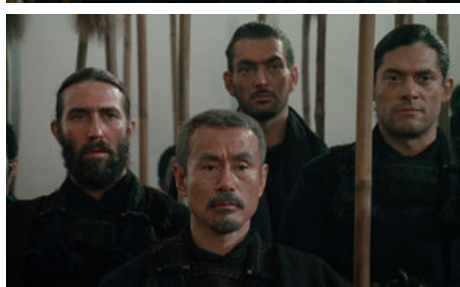
Seguiu-se então uma reviravolta digna de um filme. Quando o ator infantil principal adoeceu, Stahly foi convidado a substituí-lo no papel do rapaz a quem o poeta Vyasa conta toda a história. Saiu da plateia e entrou na fantasia — como Mia Farrow em *A Rosa Púrpura do Cairo*. «Foi algo muito natural», recorda. «Continuei a ouvir a história, mas simultaneamente como espetador e como ator.» Assim começou uma aventura de dezoito meses, durante a qual deixou a escola para acompanhar o espetáculo em digressão pelos Estados Unidos, Japão e Austrália.

No elenco estava também Hélène Patarot, que não tinha sido selecionada na primeira fase das audições, mas recebeu uma chamada de Brook depois de a sua primeira escolha, Tilda Swinton, ter desistido. A sorte profissional de Patarot rapidamente se transformou numa bênção pessoal quando conheceu o colega de elenco Ciarán Hinds, que mais tarde se tornaria conhecido pelos filmes *Belfast* e *There Will Be Blood*; os dois continuam casados até hoje. «Pediram à Hélène que tomasse conta de mim quando cheguei a Paris», conta Hinds. «E depois...» — faz um gesto em direção à esposa, sentada ao seu lado — »Mas encontrar uma parceira não era requisito para o papel!«

Os ensaios incluíam de tudo um pouco — desde percussão *udu* até tiro com arco. «Fizemos imensa preparação fantástica, mesmo sem chegar a utilizá-la diretamente», recorda Hélène Patarot. Ciarán Hinds acrescenta: «Tratava-se de aprender a ceder, a deixar as coisas fluir sem forçá-las.»

Quando a digressão mundial terminou, Stahly, Hinds e Patarot voltaram a interpretar os seus papéis na adaptação televisiva de seis horas dirigida por Brook, filmada num estúdio perto de Paris. O material dessa versão foi depois reestruturado para criar uma versão cinematográfica de três horas — a mesma que está prestes a ser exibida, agora restaurada em 8K, no Festival de Cinema de Veneza, trinta e cinco anos após a sua estreia naquele certame.

A restauração só foi possível graças a Simon Brook, filho do realizador, que lutou durante quase cinco anos para recuperar mais de dois mil rolos de película. Isso implicou resolver complexas questões de direitos autorais e enfrentar — ou até processar — quem se recusava a entregar o material sem resistência ou, segundo Brook filho, sem o pagamento de um «resgate prodigioso».



O pai, que faleceu em 2022, nunca soube ao certo das dificuldades enfrentadas. «Ele não tinha noção de quão grave era a situação», explica Simon Brook. «Não havia motivo para deixá-lo preocupado.» A certa altura, todo o catálogo do falecido produtor do filme foi comprado por terceiros, mesmo depois de Brook filho já ter garantido os direitos de *The Mahabharata*. «Disse-lhes que não permitiria que o exibissem, de modo que ficariam com um filme impossível de projetar», recorda. «Eles responderam: Esperamos até você morrer e tratamos disso com os seus filhos.»

Brook Jr. e *O Mahabharata* têm uma longa história em comum.

«Eu tinha uns 13 ou 14 anos quando ouvi pela primeira vez os meus pais e o Jean-Claude a falar sobre algo que eu nem conseguia pronunciar. Só sabia que era uma grande história indiana — maior do que *A Ilíada* e *A Odisseia*, maior do que a Bíblia. Não fazia ideia de que fosse uma aventura tão vibrante e empolgante. É como *Game of Thrones*.»

As suas dimensões filosóficas ajudaram a garantir a longevidade da obra. «À superfície, é uma história clássica sobre o bem e o mal. Mas, à medida que avança, percebemos que não é assim tão simples. Essa complexidade moral foi, creio eu, o que mais atraiu o meu pai. É um guia fascinante sobre como viver, sem nunca te dar respostas definitivas.»

Enquanto jovem fotógrafo, Brook Jr. foi convidado, aos 15 anos, a documentar a primeira viagem de pesquisa de dois meses à Índia, que o pai realizou com Jean-Claude Carrière, Marie-Hélène Estienne e o músico Toshi Tsuchitori. «A energia era extraordinária, mas viajar era difícil. Se quiséssemos fazer um telefonema, tínhamos de o marcar com dias de antecedência. E o meu pai estava sempre a mudar de ideias: Vamos ficar aqui mais dois dias... Era complicado.»

Assistiu ao espetáculo completo pela primeira vez durante a noite, em Avignon. «Sou um péssimo espetador de teatro, por isso a perspectiva de ficar sentado num banco durante nove horas parecia terrível. Mas fiquei hipnotizado.» Ao ver o filme, porém, pensou que tinha havido um erro grave. A obra começa com Stahly a caminhar pelos bastidores de um teatro, atravessando corredores cada vez mais irregulares e iluminados por velas, até encontrar Vyasa (Robert Langdon Lloyd) junto a uma fogueira. «Lembro-me de pensar: Porque é que há um extintor na parede? Porque é que se vê o quadro elétrico? Onde estava a continuidade?» Só mais tarde percebeu o que o pai pretendia. Stahly explica: «Vemos algo semelhante na cena contemporânea de *The Zone of Interest*. É uma forma de dizer: Estamos a entrar neste mundo antigo, mas ele continua a existir dentro do nosso.»

O resto d' *O Mahabharata* filmado é relativamente contido.

«O desafio era contar a história sem cair num folclore decorativo», diz Chloé Obolensky, diretora de arte das versões teatral e cinematográfica. Embora não seja tão austero ou minimalista quanto, por exemplo, *Dogville* de Lars von Trier (inspirado, aliás, no *Nicholas Nickleby* da Royal Shakespeare Company), o filme opera visualmente através da sugestão e da evocação. «Convida-nos a ajudar a criar o nosso próprio ambiente, enquanto o cinema geralmente se limita a mostrá-lo», comenta Brook Jr. «Faz com que o público trabalhe um pouco. Por exemplo, não há elefantes.» Afinal, quem precisa de elefantes quando se tem Hélène Patarot a dar à luz uma gigantesca bola de ferro que se divide em cem filhos?

Embora Stahly estivesse envolvido em *O Mahabharata* desde os nove anos, afirma que não estava cansado do projeto quando as filmagens começaram, três anos mais tarde. «Mas fazer um filme é algo completamente diferente do teatro», diz. «A bolha do sonho meio que rebentou.» Hoje, como violinista e ator com a sua própria companhia teatral, continua a levar consigo as lições de Brook. «A coisa mais importante que ele me ensinou foi o ato de escutar e de estar presente. Isso ficou gravado profundamente em mim. Permaneceu até hoje.» Nenhum amante de teatro consegue escapar às marcas do estilo cénico de Brook. «Sempre que vejo peças que utilizam uma linha de fogo em cena, sei que vem do Peter. Sei que é uma citação da sua obra.»

Para Brook Jr., a relevância de *O Mahabharata* continua viva. «Acho que devia ser lida por todos os líderes, por todos os políticos. Foi algo sobre o qual o meu pai e eu conversámos antes de ele morrer. É assustadoramente premonitória quanto à destruição da Terra, irmãos que matam irmãos, a Terra a revoltar-se. *O Mahabharata* fala ao nosso tempo — mas, na verdade, tem feito isso há milhares de anos.»

Ryan Gilbey é jornalista de Cinema e Cultura para o The Guardian.
O artigo «It's like Game of Thrones!» The return of India's ancient superhero fantasy epic» foi publicado em 23 de agosto de 2024.

«...um dos acontecimentos teatrais deste século.» *Sunday Times*

«...o impacto imediato produz espanto e prazer: o efeito a longo prazo é a marca de imagens de ternura, triunfo e morte, que ficam para sempre na memória.» *The Times*

«Quando descobri esta obra, percebi que muito poucas outras possuem uma humanidade tão rica, tão próxima de nós. O paradoxo desta peça é que vem de muito longe no espaço e no tempo, e ainda assim parece tão próxima.» *El País*



© Mahabharata, Bhishma & Drona

ELENCO

Bruce Myers (Krishna)

Nascido em Inglaterra, frequentou o Trinity College, em Dublin, e estudou interpretação na RADA, em Londres. Conheceu Peter Brook por volta de 1970 e tornou-se num membro chave do International Centre for Theatre Research, em Paris, com o qual percorreu o mundo em produções como *The Mahabharata*, *The Man Who...* e *The Conference of the Birds*. Interpretou papéis marcantes em *Shakespeare*, incluindo Alcibiades em *Timon of Athens* e Polónio em *Hamlet*. No cinema, destacou-se nas adaptações de Brook de *The Mahabharata* e *Hamlet*, bem como em *A Insustentável Leveza do Ser* e *Henry and June*. Foi também

encenador e orientador de oficinas de teatro em vários países. Bruce Myers faleceu em 2020.

Georges Corraface (Duryodhana)

Nascido e criado em Paris, iniciou a sua carreira teatral aos 19 anos. Estudou na École Nationale Supérieure des Arts et Techniques du Théâtre e no Conservatoire National Supérieur d'Art Dramatique, sob a orientação de Antoine Vitez. Convidado a integrar a Comédie-Française, optou antes por viajar e dedicar-se a diversos trabalhos ocasionais durante alguns anos. De regresso ao teatro, interpretou papéis principais em França e na Grécia, colaborando durante longos anos com Peter Brook. Entre 2005

e 2010, foi presidente honorário do Festival Internacional de Cinema de Salónica, na Grécia. Continua ativo em produções francesas e internacionais.

Yoshi Oïda (Drona)

Nascido em Kobe, em 1933, estudou Filosofia, bem como as artes tradicionais japonesas Nô e Kabuki, vivendo em França desde 1968. Tornou-se lendário pela colaboração com Peter Brook em produções como *The Conference of the Birds*, *The Mahabharata* e *The Tempest*. Trabalhou igualmente em filmes de Peter Greenaway e Martin Scorsese. É autor de três livros sobre a sua rica e singular carreira enquanto ator «flutuante, invisível e astuto». Desde 1975, dedica-se também à encenação de teatro, ópera e espetáculos de dança.

Vittorio Mezzogiorno (Arjuna)

Iniciou a sua carreira no Teatro S., ganhando projeção com papéis em peças de Samuel Beckett e Eugène Ionesco. Aos 21 anos, protagonizou À Espera de Godot no Piccolo Teatro de Nápoles. Tornou-se uma figura de destaque no cinema francês com *La Lune dans le Caniveau* (A Lua no Esgoto) e *L'Homme Blessé* (O Homem Ferido). Assumiu o papel de Arjuna na *Mahabharata* de Peter Brook, que apresentou em digressão mundial entre 1985 e 1989. Em 1990,

regressou a Itália, onde participou em séries televisivas e atuou no Teatro Stabile di Parma. Vittorio Mezzogiorno faleceu em 1994.

Andrzej Seweryn (Yudhishtira)

Distinto ator e encenador polaco, formou-se na Academia Teatral Aleksander Zelwerowicz, em Varsóvia. Iniciou a sua carreira no teatro, atuando no prestigiado Teatr Polski, antes de integrar a Comédie-Française, em Paris. No cinema, destacou-se em *O Homem de Ferro*, *A Lista de Schindler* e *A Última Família*. O seu talento foi amplamente reconhecido, tendo recebido numerosos prémios e distinções ao longo da carreira.

Robert Langdon Lloyd (Vyasa)

Nascido em Inglaterra, formou-se na Central School of Speech and Drama, em Londres. Iniciou a sua colaboração com Peter Brook em 1963, no âmbito do Theatre of Cruelty (Teatro da Crueldade). Trabalhou posteriormente com Brook em *Marat/Sade*, *The Tempest* e *King Lear*. Foi membro fundador do Centre International de Créations Théâtrales (CICT), em 1970, participando em *The Orghast*, projeto conjunto de Ted Hughes e Peter Brook, em *Persépolis* e na célebre digressão mundial de *A Midsummer Night's Dream*. Atuou também em *The Conference of the Birds* e *La Tragédie*

de *Carmen*. Entre os seus papéis mais tardios contam-se *Lear* e *Ghost on Fire*. Lloyd desenvolveu igualmente uma extensa carreira televisiva, tanto no Reino Unido como nos Estados Unidos.

Mallika Sarabhai (Draupadi)

A bailarina clássica indiana, coreógrafa, atriz, escritora e ativista social Mallika Sarabhai (Draupadi) destacou-se em filmes como *Mutthi Bhar Chawal* e *Katha*, e integrou a produção de Peter Brook *The Mahabharata* no papel de Draupadi. Distinta intérprete das formas clássicas Bharata Natyam e Kuchipudi, dirigiu a Darpana Academy, utilizando a dança e a coreografia como instrumentos de intervenção social. Como ativista, lançou projetos educativos em parceria com a UNESCO e governos locais e fundou em 1997 o Centre for Non-Violence Through the Arts. A sua vida e obra foram retratadas nos documentários *Pride of India* e *Mallika Sarabhai*.

Jeffery Kissoon (Karna)

Jeffery Kissoon (Karna) é um ator de vasto percurso no teatro, cinema, televisão e rádio britânicos. Colaborou com a Royal Shakespeare Company, sob direção de nomes como Peter Brook, Peter Hall, Robert Lepage, Janet Suzman, Calixto Bieito e Nicholas Hytner. O seu repertório abrange

desde Shakespeare ao teatro contemporâneo, bem como drama televisivo e ficção científica, interpretando tanto papéis principais como secundários — entre eles Marco António em *Antony and Cleopatra*, Próspero e Caliban em *The Tempest*, Malcolm X em *The Meeting* e Mr. Kennedy na série infantil *Grange Hill*.

Miriam Goldschmidt (Kunti)

Nascida na Alemanha do pós-guerra, Miriam Goldschmidt (Kunti) cresceu entre a França e a Alemanha. Estudou interpretação com Jacques Lecoq, em Paris, e trabalhou com encenadores como Peter Zadek, Hans Hollmann e Peter Stein. Encontrou o seu espaço artístico junto da companhia de Peter Brook, no Théâtre des Bouffes du Nord, com a qual realizou digressões internacionais, apresentando obras de Beckett e interpretando canções africanas e japonesas. Miriam Goldschmidt faleceu em 2017.

Sotigui Kouyaté (Bhisma)

Proveniente de uma família de griots, Sotigui Kouyaté (Bhisma) iniciou a carreira teatral em 1966, fundando a sua própria companhia e escrevendo a sua primeira peça, *The Crocodile's Lament*. Colaborou extensivamente com Peter Brook, a partir de *The Mahabharata*, e participou em mais de duas dezenas de filmes, incluindo *Genesis*

e *Little Senegal*. Foi protagonista de *Keïta! l'Héritage du Griot*, realizado por Dani Kouyaté. Entre 1990 e 1996, apresentou em digressão pelos EUA e pela Europa o espetáculo *La Voix du Griot*, que celebrava a cultura e a tradição oral africanas. Em 2009, foi distinguido com o Urso de Prata no Festival de Cinema de Berlim (Berlinale) pela sua interpretação em *London River*. Sotigui Kouyaté faleceu em 2010.

Hélène Patarot (Gandhari)

Hélène Patarot (Gandhari) colaborou com Peter Brook nas versões teatral e cinematográfica de *The Mahabharata*. Atuou em *L'Os de Tierno Bokar*, no Théâtre des Bouffes du Nord, espetáculo que também percorreu vários países. Durante os doze anos que viveu em Londres, trabalhou com Simon McBurney, em produções como *The Three Lives of Lucie Cabrol* e *The Caucasian Chalk Circle*. Participou ainda em *Antony and Cleopatra* e em *India Song*, de Marguerite Duras, encenado por Annie Castledine, bem como em *Tengri*, *The Lover*, *La Vie est un Roman* (A Vida é um Romance) e *Paris, je t'aime*. Interpretou um papel masculino em *Dog Face*, de Dan Jemmett, e participou em *The Lower Depths*. Adaptou contos de Tchekhov para o espetáculo *Fish Love*, de Lilo Baur.

Ryszard Cieslak (Dhritharashtra)

Ryszard Cieslak (Dhritharashtra) foi um dos membros centrais do Teatro das Treze Fileiras e, posteriormente, do Teatro Laboratório de Wrocław, ambos dirigidos por Jerzy Grotowski. Ficou célebre pelas suas interpretações em *O Príncipe Constante* e *Apocalypsis cum Figuris*, obras fundamentais na estética grotowskiana. Desenvolveu também trabalho independente, sempre marcado por uma intensa pesquisa física e espiritual do ator. Ryszard Cieslak faleceu em 1990.



Peter Brook © Régis Daudeville

Peter Brook

Peter Brook nasceu em Londres em 1925. Iniciou a sua carreira profissional aos 19 anos e rapidamente afirmou-se como um dos mais destacados encenadores britânicos de teatro, cinema e ópera. Entre os seus filmes contam-se *The Lord of the Flies*, *Marat-Sade*, *King Lear*, *Tell Me Lies*, *Meetings with Remarkable Men* e, naturalmente, *The Mahabharata*. Na década de 1970, Brook fundou em Paris o International Centre of

Theatre Research e o International Centre of Theatre Creations, onde foram apresentadas muitas das suas produções mais marcantes. É autor de vários livros, entre os quais se destaca o influente *The Empty Space*, publicado em 1968 e traduzido em quinze línguas. Peter Brook faleceu em 2022, deixando um legado de inovação e excelência artística que continua a inspirar novas gerações de criadores.

Jean-Claude Carrière

A notável carreira de Jean-Claude Carrière como dramaturgo, romancista e argumentista prolongou-se por mais de sessenta anos. A sua longa colaboração com Luis Buñuel deu origem a seis longas--metragens, entre as quais *Belle de Jour* e *O Discreto Charme da Burguesia*, bem como ao livro *My Last Sigh*. Escreveu ainda argumentos para Louis Malle, Milos Forman (*Taking Off*), Volker Schlöndorff (*O Tambor*), Daniel Vigne (*O Regresso de Martin Guerre*), Andrzej Wajda (*Danton*) e Philip Kaufman (*A Insustentável Leveza do Ser*). A colaboração de Carrière com Peter Brook começa em 1974, quando a sua adaptação de *Timon of Athens* foi a produção inaugural do renovado teatro Bouffes du Nord, em Paris. Ao longo de uma carreira prolífica de seis décadas, Carrière escreveu numerosos romances, contos e ensaios. Recebeu múltiplas

distinções, incluindo um Óscar Honorário em 2015. Faleceu em 2021, deixando uma marca inegável no cinema mundial como um dos maiores argumentistas franceses de sempre.

Simon Brook

Simon Brook é um realizador premiado, com mais de 35 anos de experiência profissional. Iniciou a carreira trabalhando com Jim Jarmusch em *Down by Law* e com Philip Kaufman em *The Unbearable Lightness of Being* (*A Insustentável Leveza do Ser*). A sua carreira e os seus interesses abrangem todo o espectro das artes — das artes visuais e performativas à música, à fotografia e ao cinema. Em todos os géneros que explora, Simon procura criar obras comoventes e poéticas, que elevem a condição humana e suscitem reflexão. Os seus filmes abordam frequentemente a relação entre a natureza, o desenvolvimento humano e a modernidade. Viajante incansável, é profundamente interessado em questões interculturais, religiosas, sociológicas e filosóficas — temas que atravessam o seu trabalho e que revelam, no essencial, uma atenção constante à humanidade que partilhamos.

Brook Productions

A Brook Productions foi fundada em 2011 por Simon e Peter Brook como uma produtora especializada e, desde então, evoluiu para uma empresa de produção, distribuição e marketing para cinema e televisão. A empresa gere todas as etapas do processo, incluindo produção, vendas, distribuição, licenciamento de catálogo, aquisições, marketing digital, criação de conteúdos, *branding* e publicidade online afiliada. Dedica-se igualmente à restauração e preservação de filmes clássicos que integram o património cinematográfico mundial. Entre as suas restaurações em 4K destacam-se *Tell Me Lies*, de Peter Brook, realizada em parceria com a Fondation GAN/Technicolor (Venice Classics 2012); as prestigiadas restaurações dos filmes noir clássicos de Jules Dassin, *Brute Force* e *The Naked City* (Venice Classics 2018); bem como 25 filmes de género do catálogo Master Licensing.

Fado Filmes

Fundada em 1997 por Luís Galvão Teles e com um catálogo de mais de quarenta filmes e duas séries de ficção, a Fado Filmes é uma das mais antigas e ativas produtoras cinematográficas do panorama português. Reconhecida pelo seu forte investimento em coproduções

internacionais, a Fado Filmes tem sido, ao longo das últimas décadas, uma das produtoras nacionais com maior apoio de fundos internacionais, como o Eurimages, o Ibermedia e o programa MEDIA. Com uma presença consistente em festivais nacionais e internacionais, a Fado Filmes soma mais de novecentas seleções em eventos de prestígio como Cannes, San Sebastián, Roterdão e Veneza. Atualmente, a produtora tem em curso três longas-metragens enquanto produtora maioritária — *Desgarrada*, de Flávio Ferreira; *Última Noite*, de Tiago R. Santos; e *Vindima*, de Luís Galvão Teles — e uma coprodução minoritária, *Nova Éden*, de Aly Muritiba. Já selecionada para o IndieLisboa 2025, a série *Casa-Abrigo*, de Márcio Laranjeira, tem estreia marcada para outubro de 2025 na RTP.



Peter & Simon Brook © Régis Daudeville



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB



**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter

Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

